

A CONTRIBUIÇÃO DO EXERCÍCIO DE ANÁLISE ARQUITETÔNICA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

*LA CONTRIBUCIÓN DEL EJERCICIO DE ANÁLISIS DE LA ARQUITECTURA PARA LA
CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO EN ARQUITECTURA: UNA EXPERIENCIA DOCENTE*

*THE CONTRIBUTION OF ARCHITECTURAL ANALYSIS FOR BUILDING KNOWLEDGE IN
ARCHITECTURE: A TEACHING EXPERIENCE*

Eixo temático 2 – O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto

Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de Andrade

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Professora Assistente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas

Resumo: O presente artigo objetiva apresentar o exercício de análise arquitetônica desenvolvida na disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL. A prática acadêmica parte do pressuposto que este instrumento é capaz de integrar teoria e projeto na construção do conhecimento da disciplina arquitetura. Destaca o desafio em introduzir o processo reflexivo no aluno, assim como o improviso didático de experimentar a ação projetual na disciplina e seus resultados, apresentados graficamente.

Palavras-chave: Teoria e Projeto; Análise Arquitetônica; Prática Acadêmica.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar el ejercicio de análisis de la arquitectura de la disciplina de Teoría y Estética de la Arquitectura 1, Facultad de Arquitectura y Urbanismo de UFAL. La práctica académica asume que este instrumento es capaz de integrar la teoría y el diseño en la construcción del conocimiento en el campo de la arquitectura. Destaca el reto de la introducción del proceso de reflexión en el estudiante, así como la improvisación de experiencia docente en la acción proyectiva y sus resultados, presentados gráficamente.

Palabras-clave: Teoría y Diseño, Análisis Arquitectónico, Práctica Académica

Abstract: This article aims to present the exercise of architectural analysis developed on the discipline Theory and Aesthetic of Architecture 1, College of Architecture and Urbanism – UFAL. The academic practice assumes that this instrument is able to integrate theory and design for building knowledge in architecture. The challenge is introduce the reflective process in the student.

Keywords: Theory and Design; Architectural Analysis; Academic Practice.

A CONTRIBUIÇÃO DO EXERCÍCIO DE ANÁLISE ARQUITETÔNICA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

É notório que a maioria dos currículos nacionais tem a atividade de projeto como espinha dorsal do curso de arquitetura e que todo conhecimento deve emanar desta e atender a esta atividade. Assim, pode-se dizer que o primeiro objetivo do curso de arquitetura é ensinar a projetar e, para isto, ensinar a ler plantas pode ser outro importante objetivo. A capacidade de ler plantas deve ser entendida como a capacidade de compreender projetos, ou seja, analisar os projetos a fim de desvendar os elementos condicionadores e de composição que permitam decifrar o projeto a partir das relações entre si e com outros exemplos, produzindo abstrações destas relações. Para o ato de se projetar entende-se a tomada de decisão diante das possibilidades concebidas em termos abstratos. Com isto, é a habilidade de pensar em termos abstratos, seja lingüisticamente na análise ou graficamente no projeto, o denominador comum das duas atividades que possuem processos distintos (ULUSOY, 1999).

No entanto, a capacidade de compreender um projeto é explorada tanto no âmbito da teoria da arquitetura quanto no âmbito do projeto de arquitetura. Mahfuz (1986) advoga que na teoria da arquitetura a atividade deveria ter duas partes, uma analítica e outra experimental, e no projeto de arquitetura também, porém exposto como analítica e propositiva. A diferença entre o experimental e o propositivo pode ser um dos cerne de debate entre teoria da arquitetura e teoria do projeto.

Sucintamente, apóia-se o entendimento do que seja teoria da arquitetura como

um sistema de pensamento por meio do qual se organiza um conjunto de proposições lógicas (...) [onde] será a abstração de conceitos a partir da análise de objetos reais [o método de estudo da teoria]. (...) A teoria pode assumir a forma de uma *normativa*, isto é, um sistema de leis e normas que determinam com a arquitetura deve ser, o que foi habitualmente no passado e, ainda em tempos recentes, no ensino. Ou então pode ser *poética*, isto é, o enunciado de uma concepção não mais universal, mas particular de um arquiteto ou grupo de arquitetos, a base de sua proposta, sua própria definição de arquitetura tal como pretende praticá-la. A teoria pode também assumir a forma de uma filosofia da arquitetura, isto é, de uma concepção generalizadora em busca de princípio universalmente válido, mais ligada à especulação do que à realização (WAISMAN, 2013, p.30).

E por teoria de projeto entende-se o conhecimento produzido pela investigação do papel, da validade, da coerência e da utilidade de teorias e conceitos relativos ao projeto (LOVE, 2000), assim como os métodos e metodologias de projeto/projeto digital, tanto na atividade da prática profissional, quanto no ensino em projeto (OXMAN, 1999; OXMAN, 2008; LAWSON, 2011). Ambos partem do pressuposto que o ato de projetar tem haver com a ação e tomada de decisão para resolver um problema reconhecido (FOQUÉ, 2010). As distintas abordagens são fruto da numerosa, variada e, por vezes, divergente definição de projeto, o que reflete na possibilidade de se ter como objeto de estudo: a obra arquitetônica (análise), o projeto arquitetônico (síntese) e o método de projeto (processo heurístico) (FOQUÉ, 2010).

Mesmo com esta distinção, a atividade de análise arquitetônica apresenta-se como pertencente às duas definições. Mahfuz ao pontuar acerca da atividade analítica descreve que,

a parte analítica visa, através da análise de precedentes, chegar a compreensão de elementos que compõem a arquitetura e das ordens complexas de arranjos espaciais através dos quais aqueles são combinados, dos princípios construtivos e geométricos básicos, das relações entre sistemas estruturais e organização espacial, dos esquemas representativos e dos fenômenos perceptivos envolvidos em arquitetura (1986, p.65).

Assim como considera que, o que diferencia a atividade de análise na teoria da atividade de análise no projeto é que, neste último à análise é mais "objetiva" em função da especificidade do tema do projeto, enquanto na teoria pode ser mais abrangente. Isto significa que o objetivo supracitado da análise é inerente as duas áreas e que o seu processo não deve ser superficial para assim apreender o "sistema complexo de ordens inter-relacionadas" que compõem um projeto (MAHFUZ, 1986, p. 65).

Outro autor que também defende que a atividade de análise como "possibilidade para conectar de maneira profunda, centrada, sistemática e clara" teoria e projeto é Ruth Verde Zein (2011, p.206). Em seu texto, a autora denomina esta atividade como *estudo de reconhecimento crítico e referenciado* de uma obra, seja com a finalidade de aprender o saber-fazer ou criar repertório. Neste sentido, o ponto norteador deste estudo é se perguntar o que se quer saber de uma obra ou conjunto

arquitetônico para analisá-lo (ZEIN, 2011). A importância da natureza da pergunta para Zein pode ser comparada com a distinção que Mahfuz expõe entre a análise poder ser mais abrangente ou mais específica.

De maneira categórica, Zein (2011) afirma que saber porque quero compreender uma obra de arquitetura é imprescindível para o estudo, permitindo desdobramentos na maneira como realizar o estudo. Ela pontua três fatores importantes para o reconhecimento crítico e referenciado: identificar e realizar interfaces com disciplinas paralelas e conhecimentos adjacentes para qualificar e compreender a trama de complexidade da obra arquitetônica; identificar e conhecer parâmetros característicos do saber arquitetônico fruto da somatória geométrica de decisivas forças internas e externas; e rever a obra em sua concepção essencialmente arquitetônica, como resultado de um processo de projeto, consciente de que a ação analítica não é inocente e sim atenta para compreender a obra. E destaca que o conhecimento gerado pelo estudo será resultado híbrido da sinergia da associação entre a nossa livre e criativa ação em interação com a obra.

Soma-se a estes dois autores tantos outros que concordam e afirmam que a atividade de análise é um instrumento importante para se aprender arquitetura seja com foco na preparação histórica crítica necessária ao profissional (TEDESCHI, 1980; WAISMAN, 2013) ou na necessidade de compreender os fatores que intervêm nas decisões de projeto e relacionar com os resultados (LEUPEN *et al*, 1999). Ou mesmo para vislumbrar a idéia arquitetônica (CLARK e PAUSE, 1997), e ou para identificar na obra o que o olho não ver, mas sim o que a mente ler (ESISENMAN, 2011).

A atividade analítica como nexos entre ensino e investigação reforça a hipótese de que é este o instrumento que permite a intersecção entre as áreas de teoria e projeto na arquitetura. Richard Foqué propõe a investigação em estudo de casos como metodologia para a construção do conhecimento em arquitetura pressupondo que “ensinar os alunos a ver a conexão e o impacto nas decisões de projeto a partir de estudos de caso reais, [permite trazer] este conhecimento integrado para o atelier de projeto” (2010, p.73). Ele suscita que a combinação da razão analítica e associativa na significação da síntese (projeto), baseada no conhecimento experimental e de práticas de sucesso é um mecanismo para se aprender a ser hábil

a projetar. Assim como Alberto Perez-Gomez (1987) também afirma que uma questão fundamental para a construção do conhecimento em arquitetura seria entender o significado das ações dos arquitetos a partir da análise de suas obras.

É centrado nestes pressupostos que a atividade desenvolvida na disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, elabora seu exercício de análise arquitetônica. A matéria localiza-se no segundo período do curso e tem como ementa o “Estudo teórico do fenômeno arquitetônico, a arquitetura e suas relações. Teoria e prática no campo da arquitetura; a estética da arquitetura” (UFAL, 2006, p.29).

A compilação teórica discutida na disciplina vem sendo gradativamente desenvolvida desde 2008 e, a partir de 2011, culminou no exercício de análise arquitetônica e estética. O objetivo da análise enquanto instrumento metodológico é permitir que os alunos percebam que com este exercício é possível produzir conhecimento acerca da arquitetura e, principalmente, mostrá-los que não se deve olhar de maneira ingênua as obras/projetos de arquitetura, e sim de maneira atenta. O intuito ideológico está em conscientizar os alunos de que eles podem ser capazes e responsáveis pela construção contínua do seu próprio conhecimento enquanto estudante e profissionais a partir de uma leitura atenta de obras/projetos de arquitetura.

O exercício de análise inicia-se com a construção de um roteiro a ser seguido, elaborado em forma de organograma, a partir das referências bibliográficas discutidas na disciplina. Este roteiro é um exercício pragmático de conjugação das referências que demonstram teoricamente os objetivos deste instrumento, assim como os fatores que podem ser analisados. A crescente teórica da disciplina permitiu que o roteiro de análise¹ se constituísse não como o entendimento crítico acerca da ideologia de cada um dos autores lidos na disciplina, mas sim a partir da identificação das recorrências temáticas entre os fatores levantados por cada autor. Isto proporciona que os alunos percebam que estas recorrências podem ser inerentes a qualquer objeto arquitetônico, estando o diferencial no objetivo da

¹ As primeiras análises ocorrem nos semestres de 2008.1, 2008.2, 2009.1 e detinham-se apenas ao entendimento dos eixos organizadores do espaço de Teixeira Coelho. Durante os semestres de 2009.2, 2010.1 e 2010.2 a disciplina foi ministrada por outra professora. Apenas em 2011.2, quando retorno a disciplina e reativo a prática analítica, amplia-se o referencial teórico como busco demonstrar no artigo ao referenciá-los e insiro o roteiro no modelo de um organograma a partir de 2012.1.

análise, ou seja, o que se quer investigar, do que propriamente nos fatores a serem investigados.

Finalizado o roteiro (figuras 01, 02, 03), os alunos iniciam a análise pela leitura do projeto e das imagens (fotografias, croquis, maquetes etc), produzindo diagramas analíticos e redesenhando as obras, acompanhado de texto dissertativo que os levem a responder a pergunta: quais foram os fatores condicionantes do projeto?

A ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ANÁLISE E O DIAGRAMA ANALÍTICO

No decurso da disciplina, autores como Graeff (2006) expõe aspectos fundamentais da composição da arquitetura a partir do programa arquitetônico e dos meios de composição da arquitetura. Onde o programa fixa o objetivo do processo composicional e os meios compreendem os recursos intelectuais e materiais necessários. Assim, ele apresenta o fenômeno arquitetônico pela sua natureza artística e estética, utilitária e edificante. Teixeira Coelho (1999), que busca discutir o sentido do espaço, traz eixos organizadores que visam identificar o significado do espaço dentro de um processo de análise e reflexão. Estes dois autores em particular não objetivam discutir a importância da atividade analítica, mas permitem dentro de um processo gradativo interno a disciplina² apresentar a complexidade inerente ao fenômeno arquitetônico e vislumbrar alguns fatores que podem ser analisados.

A identificação dos fatores em específico é o ponto de convergência entre os demais autores que interam a importância da análise em si. Como Tedeschi (1980), que defende o exercício da análise crítica e afirma que este deve procurar reconhecer as razões e os processos que ocorreram para se chegar à solução do projeto. E que isto permite ao profissional encarar o seu próprio problema de projeto com mais liberdade ao compreender como outras soluções ocorreram. Assim o autor descerre sobre três campos principais que reúnem todos os fatores que interessam ao

² Este processo consiste primeiramente em apresentar ao aluno o fato arquitetônico (PEREIRA, 2005), a diferença entre teoria, história e crítica (WAISMAN, 2013), os discursos teóricos da arquitetura (BRANDÃO, 2007), uma definição de arquitetura (SILVA, 1994), o programa e os meios de composição da arquitetura (GRAEFF, 2006), os eixos organizadores do sentido do espaço (COELHO NETTO, 1999) e a estética da arquitetura a partir da experiência e apreciação estética com vista ao problema da arquitetura pontuado por Roger Scruton (1980) e por outros autores como Matheus Gorovitz e Ricardo Silveira Castor (2004). Após estes autores apresenta-se a atividade analítica e inserem-se outros autores citados no corpo do texto como Baker, Unwin, Leupen *et al* e Tedeschi.

arquiteto: a Natureza (paisagem natural, terreno, vegetação e clima); a Sociedade (paisagem cultural, uso físico, uso psicológico, uso social, técnica e econômica, programa e método de projeto); e a Arte (forma, plástica, escala, espaço, gosto e personalidade).

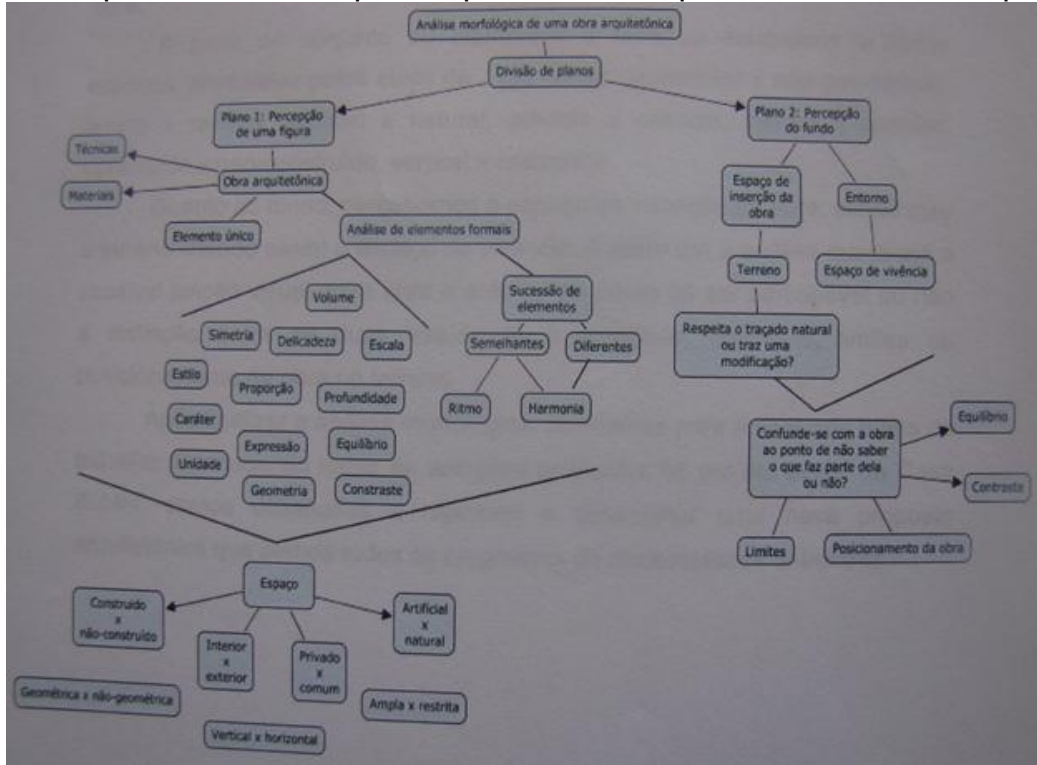
Já Leupen *et al* (1999) acredita que a análise permite identificar o que há de geral e específico no projeto de objetos tão distintos como edifício, cidade e paisagem, e a apresenta como um meio para entender a fundo o processo de projeto, averiguando sua idéia e princípios subjacentes, tendo o desenho analítico como uma valiosa ferramenta de análise. Para ele a análise deve examinar os componentes do projeto como composição, relação com o entorno e relação do projeto com a construção e a utilidade. Seu discurso apresenta uma evolução histórica dos princípios de análise exposta a partir dos seguintes fatores: Ordem e Composição (elementos espaciais e materiais); Uso (relação entre entorno e espaço edificado); Estrutura (tecnologia e estrutura da edificação); Tipologia (sistemas reproduzíveis de opções de projeto conexas); Contexto (entorno específico, geográfico e histórico).

Geoffrey Baker (2005) expõe sua maneira de fazer a análise a partir da relação entre três campos importantes para a arquitetura: o lugar, a função e a cultura. Ao Lugar ele atribui a magnitude e intensidade da força que integra a natureza e o edifício, o *genius loci*. A Função é posta como geometria que ordena a inter-relação das partes, o programa, a estrutura e os deslocamentos, todos informam sobre seu designo. E a Cultura é a dimensão poética, a fugacidade das experiências e o significado de aspectos vitais. Desta forma, a análise pretende expor fatores organizativos fundamentais que atuam em um edifício ou em um projeto.

Simon Unwin (2003), assim como Baker, dar ênfase à arquitetura enquanto identificação do lugar e organização conceptual, pontuando elementos fundamentais como lugar (área delimitada), volume, cavidade (subterrâneo), símbolo, foco (elemento determinante de concentração de força), barreiras, coberta, estrutura, caminhos, aberturas; e elementos variáveis como função, preexistências ambientais, arte de enquadrar-se a paisagem (criando paisagens), geometria, relação espaço estrutura, muros paralelos (vedações), estratificação (estratos de planos horizontais), transição, hierarquia e núcleo. Em seu epílogo, Unwin reforça que as categorias de análise podem ser ilimitadas e variadas de acordo com o objeto da análise, pois este

é fruto de critérios de escolhas de uma atividade sujeita ao instinto, a imaginação, a curiosidade e a criatividade resultante de relações variáveis entre o homem e o mundo em que está inserido. É neste íterim que a análise é um meio para se desvendar a estrutura conceptual coerente do objeto arquitetônico.

Figura 01: Exemplo de roteiro de análise produzido pelos alunos na disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1.



Fonte: Silva, Ana Letycia de Melo; Tenório, Andressa R. Cavalcante; Gomes, Julyana Cabral Rodrigues Barreto, março 2013.

Figura 02: Exemplo de roteiro de análise produzido pelos alunos na disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1.



Fonte: Perreira, Anitta Paula Alves; Viana, Martha Heleno; Silva, Yury Souza, março 2013.

Os diagramas analíticos reproduzem graficamente os fatores analisados. No âmbito das referências expostas, autores como Baker e Unwin, assim como Ching, Clark e Pause são associados à análise gráfica para o estudo da forma arquitetônica (BARREDO; LASSANCE, 2011). No entanto, independente do caráter da análise (análise histórica, histórico-crítica, semiótica, climática, desempenho, etc.), há uma certa unanimidade na importância de desenhos, maquetes, diagramas, colagens, imagens e textos ao exercício de análise. Como também há um consenso de que realizar uma investigação exaustiva acerca da arquitetura seria impossível pelo desconhecimento dos seus limites, mas ampliar o campo de investigação acerca do objeto arquiteto é pertinente a partir da premissa de que é possível desenvolver sua capacidade para “fazer” arquitetura mediante o estudo de outras obras arquitetônicas (UNWIN, 2003).

Assim, o processo gráfico produzido pela análise busca, a partir do exercício do desenho, expressar os fatores identificados e analisados e expô-los de maneira coerente com o processo de construção do conhecimento produzido pela análise.

O PROCESSO DE ANÁLISE, O DESAFIO E OS RESULTADOS

Este processo de investigação necessita de diversas aulas de assessoramento, com o desenvolvimento da análise em sala de aula. A construção do conhecimento produzido pela análise dos alunos ocorre por um processo dedutivo reflexivo acerca das características das obras com relação aos fatores em questão, ou seja, o roteiro por eles elaborado, sempre visualizado a partir de imagens (desenhos, croquis, fotografias, etc). Durante o processo de análise é comum que outros fatores não exposto no roteiro sejam identificados a partir do objeto e assim inserido no trabalho.

Para que os alunos alcancem o processo reflexivo é preciso, durante o assessoramento, levantar questões que direcionem a visualização de uma relação complexa entre os fatores analisados. Há uma tendência geral entre os alunos em olhar a obra de forma fragmentada sem buscar entender a relação entre os fragmentos, isto é, o entendimento do todo arquitetônico. Zein (2011, p.207) já destacou que “reduzir qualquer arquitetura a um jogo mecânico de partes de maneira alguma pode garantir a compreensão de seu entendimento total, podendo até mesmo atrapalhar grandemente a compreensão daquilo que será realmente

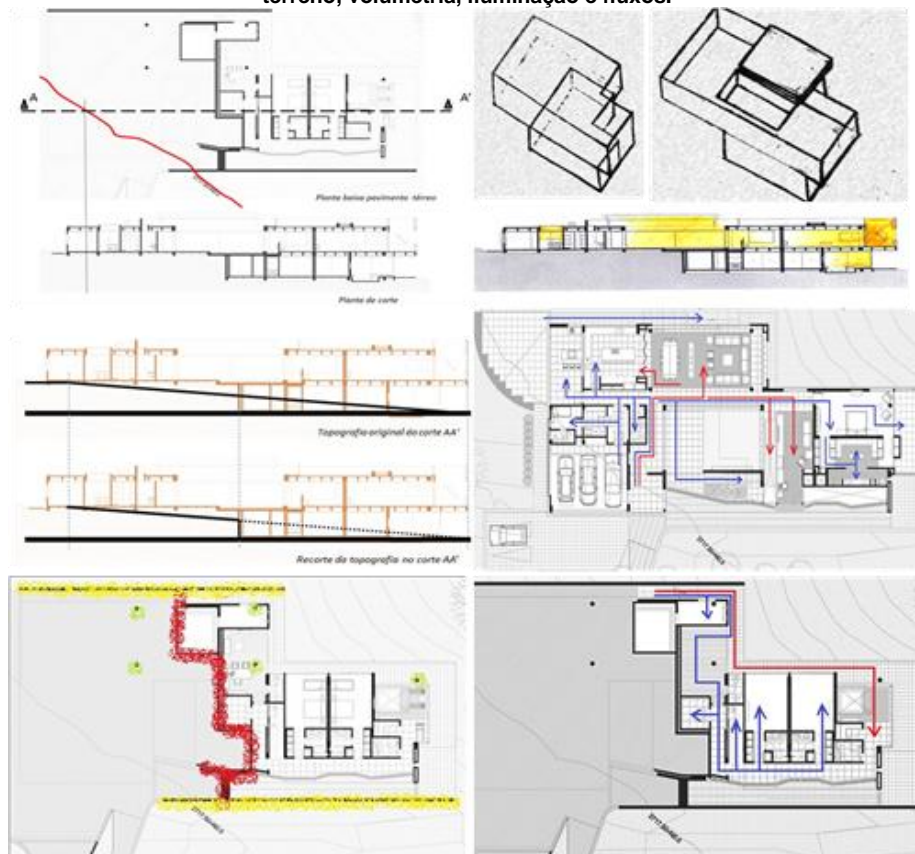
importante nessa obra”. Neste momento é imprescindível gerar questionamentos que não direcionem a resposta, e sim que induzam os alunos à reflexão, sendo este o maior desafio da atividade.

A mera descrição da obra arquitetônica não produz conhecimento suficiente para o entendimento do fenômeno arquitetônico. Esta pode gerar informações que apenas o processo reflexivo poderá transformar em conhecimento a partir do entendimento de que a arquitetura

nasce, cresce e se manifesta no mundo por um esforço criativo humano que, ao concretizar-se, toma como parâmetros para sua definição e confirmação existencial principalmente os ditames de sua lógica disciplinar, (...) não redutível a mera ‘conseqüência’ (e tampouco a causa) das injunções pré-existentes no entorno físico, social, econômico, político, etc., embora necessariamente estabeleça laços e conexões com todos estes, e outros campos transdisciplinares (ZEIN, 2011, p. 216)

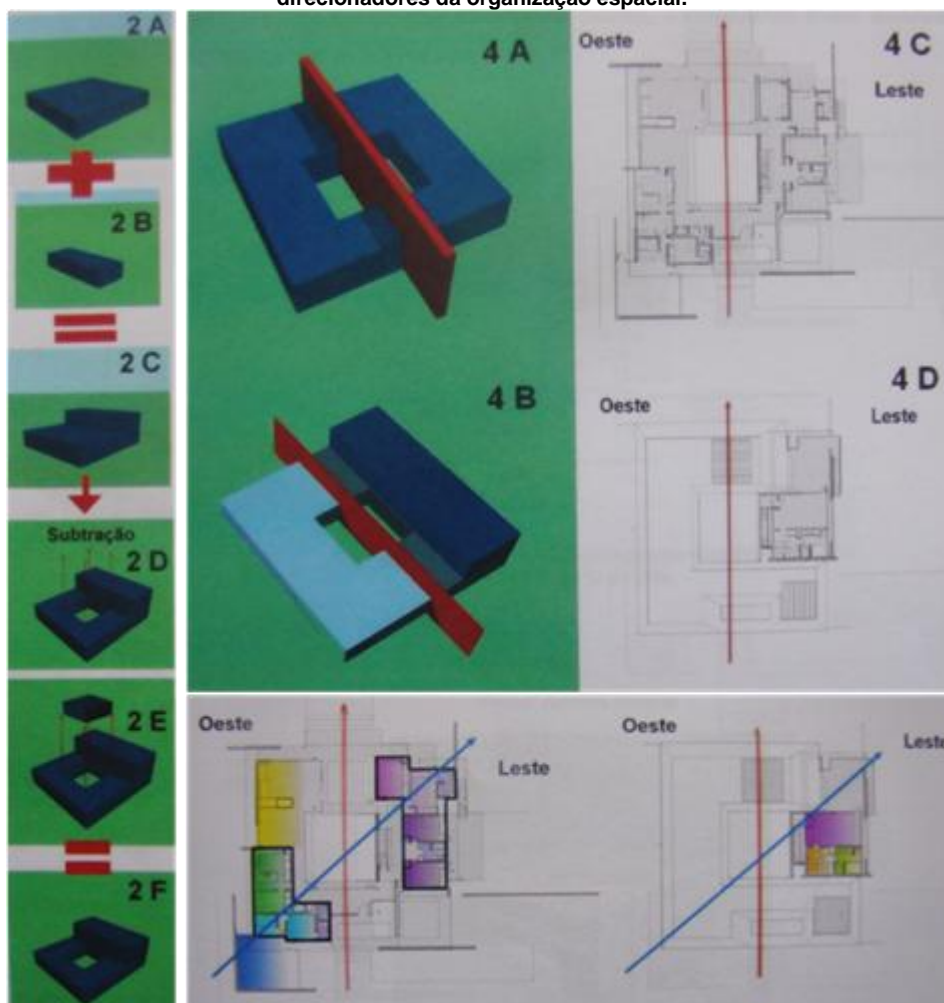
O produto deste processo analítico reflexivo é exposto por textos e diagramas analítico, como dito anteriormente, e representado pelas imagens a seguir (figuras 04 e 05).

Figura 03: Análise da Casa AR dos arquitetos Carlos e Gabriel Campuzano. Representação gráfica da análise do terreno, volumetria, iluminação e fluxos.



Fonte: Alves, Ana Sophia L., Santos, Arly Tshepfanne T., Ferreira, Débora M., março 2013.

Figura 04: Análise da Casa Kübler do escritório 57Studio. Representação gráfica da análise da geométrica, eixos direcionadores da organização espacial.



Fonte: Silva, Ana Letycia de Melo; Tenório, Andressa R. Cavalcante; Gomes, Julyana Cabral Rodrigues Barreto, março 2013.

O improviso didático

A prática do ensino e aprendizagem, normalmente, é reflexo da relação entre professor e aluno. E o improviso didático acaba ocorrendo em resposta a esta troca. Em decorrência disto, no segundo semestre de 2012, foi proposto à turma em específico um exercício de revisão do projeto analisado a partir das considerações elaboradas no processo de análise e reflexão sobre a obra. Até então, o exercício da disciplina se limitava à análise arquitetônica e sua importância para construção do conhecimento na arquitetura como já exposto.

Como esta turma demonstrou uma grande ansiedade em iniciar a atividade projetual, foi sugerido pela primeira vez o experimento de modificação do projeto a partir da análise elaborada na disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1. O

improviso da proposta suscitou que o experimento deveria conservar parte do projeto original, mas obrigatoriamente remodelar outra parte. A definição das partes a serem conservadas ou remodeladas dependia diretamente das considerações elaboradas na análise de cada grupo. Com isto, eles poderiam visualizar um processo parcial, mesmo que experimental, da atividade projetual – a tomada de decisão e proposição de solução.

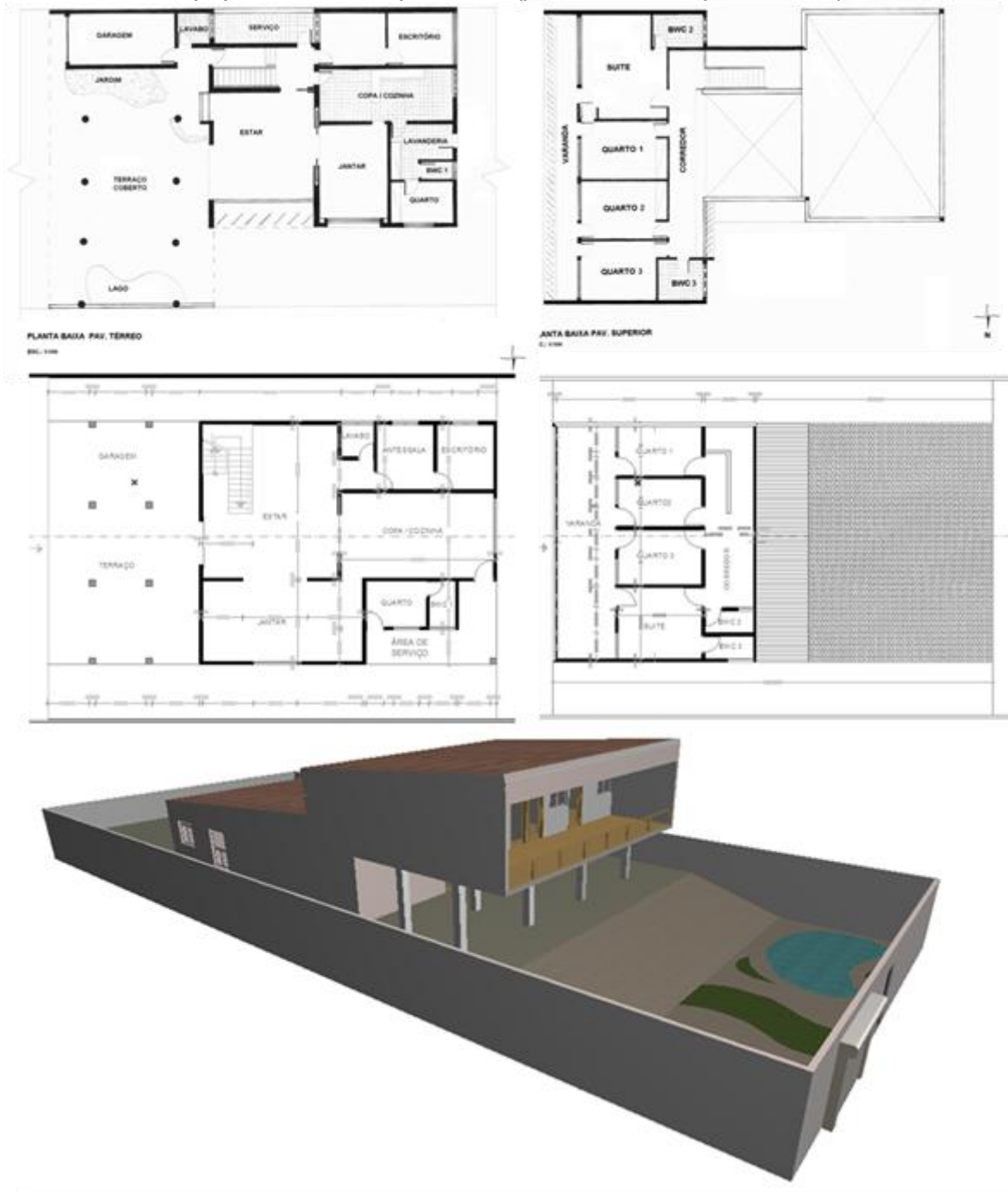
Durante o experimento³, que despendeu quatro aulas de assessoramento, foi interessante perceber a recorrência com que eles verbalizavam a relação entre os fatores identificados e analisados e a apropriação destes no processo de construção do experimento projetual. Assim, preocuparam-se em manter o padrão estético das obras, os elementos estruturadores como pátios e aberturas, o princípio de integração com a paisagem e as referências culturais identificados na análise. Foi unanimidade entre os grupos intervir no agenciamento dos espaços internos, o que claramente decorreu da própria cultura, repertório e conhecimento dos alunos. Eles estranhavam, por exemplo, a separação entre área de serviço e cozinha, a garagem pequena ou dando acesso direto aos quartos e a área íntima dividida parte no pavimento inferior parte no superior.

Decidido que seria o agenciamento dos espaços o fator a ser remodelado⁴, o esforço em solucionar esta questão levou a identificação de problemas estruturais, de movimentação de terra, de técnica, de circulação e de conforto. Neste momento, os alunos perceberam como os elementos estéticos, edificantes e utilitários que compõem a arquitetura estão intrinsecamente relacionados entre si (figuras 06, 07 e 08). Esta constatação demonstrou, na apreensão empírica e não sistemática da docente, como o exercício de análise arquitetônica pode contribuir para o desenvolvimento da atividade de projeto enquanto um processo de tomada de decisões fruto da capacidade de construir relações complexas entre os diversos fatores inerentes a arquitetura.

³ Destaca-se que para a entrega definitiva do produto da análise e remodelagem do projeto, os alunos integraram o conhecimento que haviam aprendido no mesmo semestre em representação gráfica digital. Exercitando o processo de redesenho em mídias digitais. Mais uma vez esta iniciativa foi característica específica da turma de 2012.2. A disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1 incentivou a postura da turma, independente do ainda incipiente domínio da mídia digital, por acreditar que quanto mais integrar as disciplinas melhor o aprendizado.

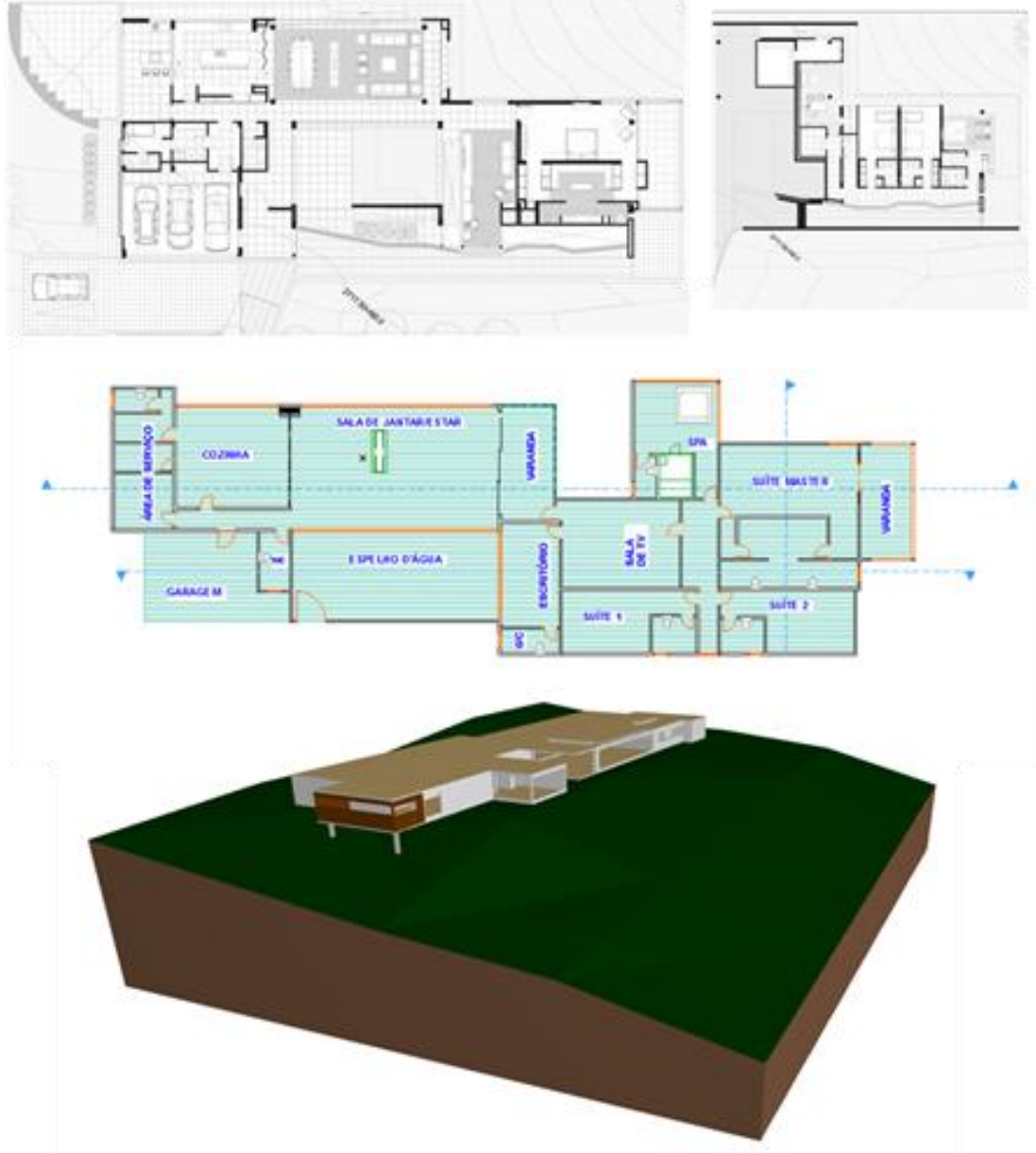
⁴ Durante o processo de assessoramento esta decisão não foi tomada *a priori*, não foi definido pela docente. Percebeu-se esta questão quando da reflexão acerca da dinâmica ocorrida e da correção dos trabalhos.

Figura 05: Nova proposta para a Residência Jorge Casado D'Azevedo. De cima pra baixo: projeto original, nova proposta desenvolvida pelos alunos (plantas baixas e maquete eletrônica).



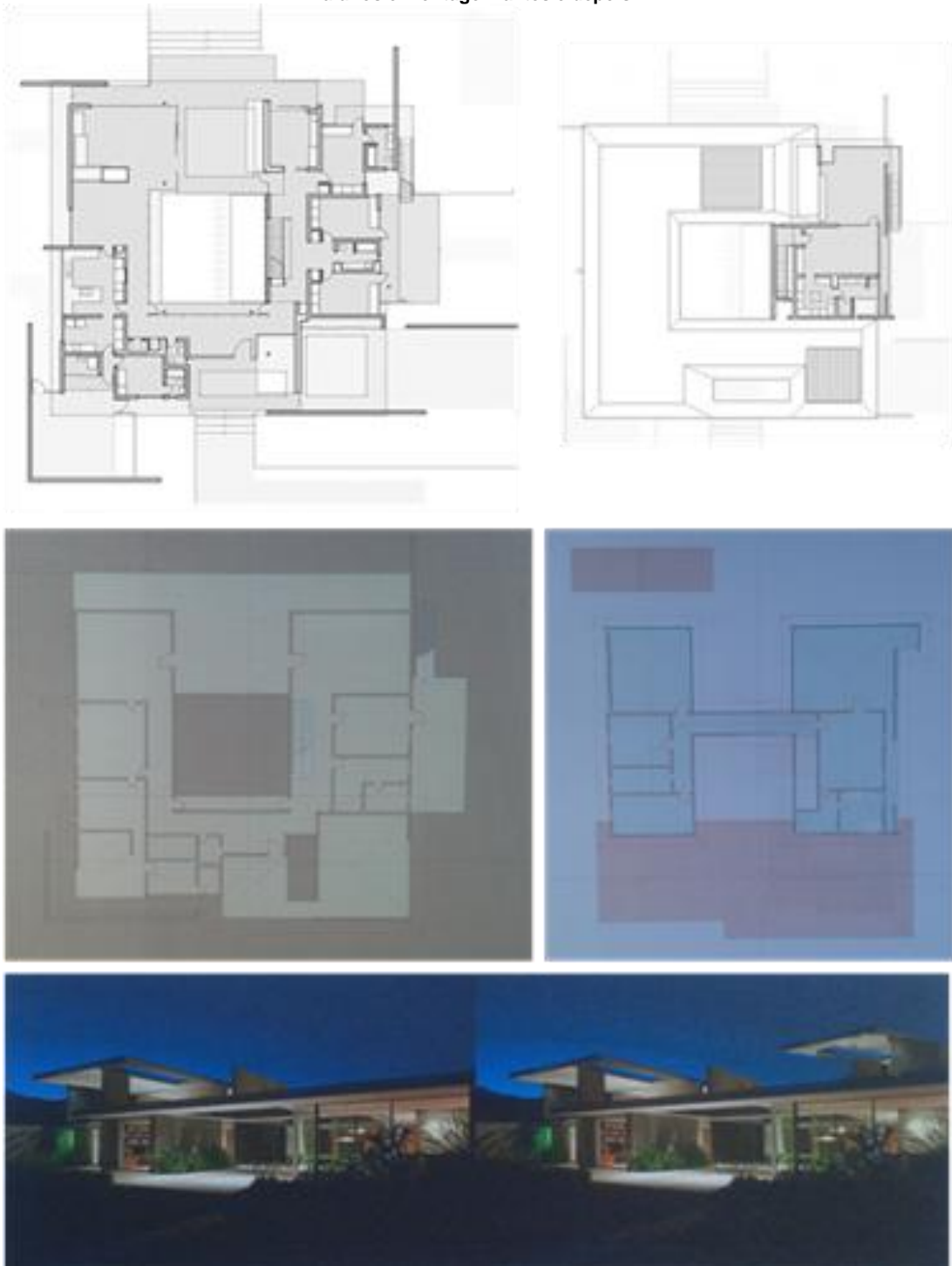
Fonte: Perreira, Anitta Paula Alves; Viana, Martha Heleno; Silva, Yury Souza, março 2013.

Figura 06: Nova proposta para Casa AR. De cima pra baixo: projeto original com dois níveis e nova proposta desenvolvida pelos alunos (planta baixa e maquete digital).



Fonte: Alves, Ana Sophia L., Santos, Arrly Tshepfanne T., Ferreira, Débora M., março 2013.

Figura 07: Nova proposta para Casa Kübler. De cima pra baixo: projeto original, nova proposta desenvolvida pelos alunos e montagem antes e depois.



Fonte: Silva, Ana Letycia de Melo; Tenório, Andressa R. Cavalcante; Gomes, Julyana Cabral Rodrigues Barreto, março 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se consciência que a atividade de análise arquitetônica não se limita a identificar apenas os condicionantes físicos do projeto, como exposto pelas referências utilizadas para a elaboração deste artigo. No entanto, como a disciplina

localiza-se no início do curso a ênfase nos fatores físicos/materiais para leitura da obra, decorre de três questões em específico: o pouco repertório referente ao campo da arquitetura por parte dos alunos; a própria ementa da disciplina; e por fim a intenção, por parte da disciplina da TEA1, em integrar vertical com a disciplina de Projeto de Arquitetura 3, no terceiro período⁵.

Outra ressalva a prática acadêmica apresentada decorre da recorrente não possibilidade de visita à obra em análise, posto que todas escolhidas e analisadas até o momento não se localizam na cidade de Maceió. Isto é encarado pela disciplina como um desafio, já que muitas imagens são fruto dos olhares de outros que a registram. Porém, considera-se esta forma de apreensão da arquitetura, ou seja, apreendê-la a partir de imagens não apenas técnicas, mas também fotográficas, um fato irreversível no mundo midiático em que nos situamos. Sendo assim, acredita-se e os exercícios vêm comprovando que é possível desenvolver uma análise da arquitetura pertinente e dedicada à construção do conhecimento em arquitetura⁶, mesmo não indo as obras.

Por fim, em meio aos “problemas” acima exposto, o aprendizado da análise desenvolvida vem contribuindo para demonstrar a importância e pertinência que “aprender com o que já existe é uma atividade vital para o conhecimento” (SILVA; TENÓRIO; GOMES, 2013, p.36) e que esta pode “nos conduzir a um novo olhar para a obra já existente e descobrir novas possibilidades de solucionar alguns problemas que no princípio pareciam ser inalterados” (WANDERLEY; SILVA, 2013, p.22). Isto é apreendido pelo discurso dos alunos que constantemente reafirmam a importância do exercício realizado.

O real problema está na descontinuidade desta prática analítica que poderia ser ampliada na sua complexidade necessária dentro da grade curricular, podendo ser desenvolvida não apenas nas disciplinas teóricas, mas também nas disciplinas práticas de ateliês de projeto. O que ocorre é que a continuidade desta prática fica a cargo do aluno que queira ter esta atividade como instrumento para construção do

⁵ Pedagogicamente, as disciplinas de projeto do primeiro e segundo período focam no desenvolvimento da expressão plástica e criativa do discente, sendo a partir do terceiro período o momento em que ele concebe uma proposta em nível de estudo preliminar, abarcando questões tanto plásticas como funcionais de maneira mais enfática.

⁶ Atualmente, a análise está sendo desenvolvida com obras arquitetônicas residências locais, com o intuito de conhecer a produção maceioense, assim como verificar a diferença existente entre se ver (por imagens) e ir presencialmente ao objeto em análise.

seu conhecimento. Neste sentido, mesmo que em pequeno número, são desenvolvidos trabalhos paralelos à disciplina ou na atividade de Trabalho Final de Graduação que ampliam o grau de complexidade da análise e enriquecem o conhecimento dos alunos predispostos a esta prática. Assim, se coloca o desafio em ampliar o exercício do olhar pragmático para a arquitetura como uma maneira de produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS:

- BARREDO, Hilton; LASSANCE, Guilherme. Análise gráfica, uma questão de síntese. A hermenêutica no ateliê de projeto. *Arquitextos*, São Paulo, 12.133, Vitruvius, jun 2011 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3921>>.
- BAKER, Geoffrey. *Análisis de la forma*. Urbanismo y Arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite Brandão. *Os modos do discurso da teoria da arquitetura*. Disponível em: <http://www.arq.ufmg.br/ia/teoria.html>>. Acessado em: 07/05/2007.
- CLARK, Roger H., PAUSE, Michael. *Arquitectura: temas de composición*. 3.ed. México: Gustavo Gili, 1997.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- EISENMAN, Peter. *Diez edificios canónicos 1950-2000*. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.
- FOQUÉ, Richard. *Building Knowledge in Architecture*. Brussels: UPA, 2010.
- GRAEFF, Edgard Albuquerque. *Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- LAWSON, Bryan. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- LEUPEN, Bernard *et al.* *Proyecto y análisis*. Evolución de los principios en arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- LOVE, Terence. Philosophy of design: a metatheoretical structure for design theory. In: *Design Studies*. Vol. 21, N. 03, p.293–313, May, 2000.
- WAISMAN, Marina. *O interior da História*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- WANDERLEY, Bruna Calheiros; SILVA, Elizandra Costa. *Análise Morfológica: Casa Castanhel*. Trabalho desenvolvido para a disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1, FAU/UFAL, Maceió, 2013.
- MAHFUZ, Edson. Os conceitos de polifuncionalidade, autonomia e contextualismo e suas consequências para o ensino de projeto. In: COMAS, Carlos Eduardo (org.) *Projeto Arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto, 1986.
- OXMAN, Riva. Educating the designerly thinker. In: *Design Studies*. Vol. 20, N. 02, p. 105-122, March, 1999.
- _____. Digital architecture as a challenge for design pedagogy: theory, knowledge, models and medium. In: *Design Studies*. Vol 29. N. 02, p.99-120, March, 2008.
- PEREIRA, Miguel. *Arquitetura: cultura, formação, prática e política profissional*. São Paulo: Pini, 2005.
- PEREZ-GOMEZ, Alberto. Architecture as embodied Knowledge. In: *Journal of Architecture Education*. Vol.40, N.02, p. 57-58, Winter,1987.
- SILVA, Elvan. *Matéria, Idéia e Forma: uma definição de arquitetura*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1994.

SILVA, Ana Letycia de Melo; TENÓRIO, Andressa R. Cavalcante; GOMES, Julyana Cabral Rodrigues Barreto Gomes. *Análise morfológica e novas soluções arquitetônicas: Casa Kübler*. Trabalho desenvolvido para a disciplina de Teoria e Estética da Arquitetura 1, FAU/UFAL, Maceió, 2013.

TEDESCHI, Enrico. *Teoría da la Arquitectura*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1980.

UFAL, Universidade Federal de Alagoas. *Projeto Pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo*. Janeiro, 2006.

ULUSOY, Zahal. To design versus to understand design: the role of graphic representations and verbal expressions. In: *Design Studies*. Vol. 20, N.02, p.123-130, March, 1999.

UNWIN, Simon. *Análisis de la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ZEIN, Ruth Verde. Há que se ir às coisas: revendo as obras. In: ROCHA-PEIXOTO, Gustavo (org.) et al. *Leituras em teoria da arquitetura*, 3: objetos. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2011.